

# LEITURA E LITERATURA: FORÇAS HUMANIZADORAS

## READING AND LITERATURE: HUMANIZING FORCES

Adriano Eysen Rego\*

### Resumo

O trabalho propõe discutir a respeito da leitura e da literatura como forças capazes de reinventar a vida. Nesta perspectiva, a obra literária possibilita ao ser humano ver o mundo de várias formas a fim de (re)construir seus sentidos envoltos por um conjunto ilimitado de signos. Com efeito, a realização da leitura, antes de tudo, nos apresenta como capacidade inerente ao leitor de colher imagens e sensações emaranhadas na teia complexa da existência. Nesse sentido, a palavra “leitura”, de origem latina, *legere*, (re)colher, captar com os olhos, sagra-se no âmbito das experiências do indivíduo na sociedade, nas inter-relações múltiplas com seus pares e objetos que o cercam no cotidiano.

**Palavras-chave:** Estética; Humanidade; Leitor; Literatura; Leitura.

### Abstract

The work proposes to discuss about reading and literature as forces capable of reinventing the life. In this perspective, the literary work enables the human being to see the world in a variety of ways in order to (re)construct their meanings wrapped by a unlimited set of signs. In fact, the achievement of reading, first of all, presents to us as inherent ability to the player to collect images and sensations tangled in complex web of existence. In this sense, the word “reading”, of Latin origin, *legere*, (re)collect, capture with the eyes, is involved in the context of the experiences of the individual in society, in the inter-relations with multiple peers and objects that surround it in its daily live.

**Keywords:** Aesthetics; Humanity; Reader; Literature; Reading.

“Por mais longe que remontem minhas lembranças, sempre me vejo cercado de livros”  
(Tzvetan Todorov).

---

\* Adriano Eysen é poeta, crítico literário, membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e Professor Doutor de Literatura Portuguesa e Brasileira da Universidade do Estado da Bahia, Campus XXII, Euclides da Cunha. É autor, dentre outros livros, de *Cicatriz do Silêncio* (poesia, 2007).

Ler é a possibilidade de ver o mundo de várias formas a fim de (re)construir seus sentidos forjados por um conjunto ilimitado de signos. A realização da leitura, antes de tudo, traduz-se como capacidade inerente a qualquer ser humano de colher imagens e sensações emaranhadas na teia complexa da vida. De origem latina, *legere*, (re)colher, captar com os olhos, a leitura sagra-se no âmbito das experiências do indivíduo na sociedade, nas inter-relações múltiplas com seus pares e objetos que o cercam no dia a dia.

Convém lembrar que a prática da leitura, da Antiguidade à Idade Média, era restrita somente à elite erudita, impossibilitando à população o livre acesso ao conhecimento produzido pelos letrados. Nessa perspectiva, a partir do século XVIII, a Europa terá publicações de romances a baixo custo e jornais contendo folhetins literários, abrangendo o gênero prosa e poesia. Com efeito, em pleno oitocentos, as mulheres passam a ter um maior acesso aos livros e às escolas. Certamente, são fatores históricos que implicam em uma relevante transformação na maneira de ver e pensar a própria existência humana. Desse modo, o leitor moderno torna-se um copartícipe da sua cidadania há muito tolhida pelos Estados e igrejas que, em nome do poder absoluto e de um Deus desconhecido, alimentavam uma legião de homens e mulheres imersos na ignorância.

Por conseguinte, o que leva o *homo sapiens*, anteriormente inserido em um contexto cultural ágrafo, a se tornar um leitor da palavra escrita? De maneira gradativa, notamos a constituição do tripé “leitor, obra e autor”, amálgama que proporciona ao indivíduo se deparar com uma gama de símbolos ainda à margem da sua consciência. Nesse contexto, Peirce (2003) registra ser o signo a representação parcial de um objeto ou ideia, nunca os constituindo em sua totalidade. Assim, inferimos que o leitor, em contato com o texto, é um coprodutor de signos, de novas ideias, imagens e sentidos. Em especial, essa experiência estética pode elevá-lo ao grau de recriador da sua própria forma de ser-no-mundo. Daí, durante a leitura, cada leitor tende a vivenciar sensações pessoais que operam, marcadamente, no seu corpo e na sua psique.

Provido da capacidade de decodificar signos e reinventá-los, o leitor consolida-se *homo ludens*, transgredindo valores e normas que, no seu primórdio, o colocavam na categoria, quando muito, de um reproduzidor de informações. O ato de ler, como condição essencial da vida, proporciona ao indivíduo desafios da

(con)vivência com o outro e consigo mesmo em uma busca contínua e desassossegada. Aqui, elenco três tipos de leitores: o leitor comum; aquele que lê esporadicamente sem nenhum tipo de compromisso e sem fundamentações teóricas; o leitor-pesquisador; apto a explorar de forma investigativa o texto e o leitor-pesquisador-autor, aquele que, além de assumir o papel de teórico e/ou crítico, também ocupa o lugar de criador (um artífice da palavra).

Elegemos neste artigo, como ponto fulcral, a importância da leitura/literatura e os seus impactos na vida, sobretudo, do leitor comum, pois é este que, em grande escala, se encontra nas escolas e universidades. Decerto, há diversas pessoas que, inicialmente, não esboçam, *a priori*, nenhum tipo de relação afetiva com o livro. Dessa maneira, o que fazer? Como nos comportar diante desse grupo majoritário? Cumpre ressaltar, aqui, que não acreditamos em receituários pedagógicos nem, tampouco, em cartilhas ou manuais de formação de leitores.

Naturalmente, estabelece-se, de imediato, uma relação entre leitor e obra; um diálogo muitas vezes instável e pejado de estranhamentos, empatias e recusas. Por conseguinte, sublinhamos que nem todo indivíduo é portador de uma estrutura intelectual capaz de revelá-lo, a curto ou longo prazo, um leitor de obras literárias; enfim, um (re)criador de sentidos e imagens que pululam das páginas dos livros de poesia e prosa. Arriscamo-nos em ressaltar que existem homens e mulheres que viverão a metade de um século, mas permanecerão incapazes de ver a leitura como uma fonte de prazer. Nesse sentido, é inegável que existem pessoas com grandes limites de sensibilidade e de intelecto, portanto, precisamos sabiamente respeitá-los.

## **LITERATURA E EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS**

“[...] a língua dos poetas deve ser aprendida diretamente, precisamente como a linguagem das almas” (Gaston Bachelard).

O texto literário, um poema, um conto, um romance, uma novela, uma crônica, tende a possibilitar ao leitor o contato consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Em especial, a relação entre o aluno-leitor e o livro pode se dar no próprio espaço de sala de aula, ambiente em que muitas vezes predomina a monotonia oriunda da mecanização do ensino-aprendizagem. Destarte, torna-se inevitável o

dissabor pela leitura em um distanciamento cada vez mais acentuado. Realidade preocupante que nos faz indagar: qual a relevância do texto literário na vida das pessoas e, em particular, na dos estudantes? Quais as suas influências diretas ou indiretas no desenvolvimento cognitivo desses indivíduos?

A palavra texto vem de *textum*, em latim, que significa tecido. Dessa maneira, podemos conceber o texto como uma tecedura de retalhos; uma espécie de aglutinação de fragmentos prestes a dar forma a uma única peça, a colcha, esta que aquece, acolhe, abriga e produz sensações diversas. Com efeito, percebemos que a obra literária é um conjunto de palavras (tecidos) no qual, por meio delas, as ideias, os pensamentos, o imaginário, os símbolos, as formas de linguagem e os desejos se correlacionam, constituindo, portanto, uma teia de sentidos. Por certo, a literatura (re)inventa a língua, a desordena para assim estabelecer uma nova ordem, ela a trapaceia. Segundo Roland Barthes (1978), é uma “trapaça salutar”, um “logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem” (BARTHES, 1978, p. 16).

Por conseguinte, o texto literário, este complexo “tecido de significantes”<sup>1</sup>, é instrumento essencial para o professor oportunizar ao aluno uma educação estética motivada pelo universo da linguagem, com seus mais variados ritmos, signos, musicalidades, estruturas sintagmáticas e semânticas. Dessa maneira, o texto é revelação, via pela qual os discursos verbais expandem-se sob os olhos do leitor. Nessa perspectiva, a literatura provoca agitações e desassossegos capazes de fazer com que o ser humano pense o mundo.

Certamente, a palavra escrita funda sentidos e imagens que se amalgamam nas entrelinhas do texto, constituindo um jogo semântico entre o “dito e o não dito”. Nesse sentido, nos revelamos coautores, personagens e críticos emaranhados no tecido da escritura e no silêncio das nossas reflexões indagadoras. Nessa acepção, Jorge Larrosa (1999) nos ensina:

o que se deve ler na lição não é o que o texto diz, mas aquilo que ele dá o que dizer. Por isso a leitura da lição é escrita, além daquilo que o texto diz, o que o texto abriga e o que ele dá o que dizer. Ler não é apropriar-se do dito, por isso ler é trazer o dito à proximidade do que fica por perguntar (LARROSA, 1999, p. 142).

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada por Roland Barthes para ratificar que “é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro” (BARTHES, 1978, p. 17).

Notadamente, a leitura diversifica o olhar, colocando o leitor diante das heterogeneidades dos signos do texto e da vida, das diferenças do ser humano e da pluralidade do saber que o circunda. Desse modo, fomentar a leitura nos lares, nas escolas, nas associações comunitárias e nas universidades é despertar o senso crítico e a sensibilidade, motivando o ser humano a pensar o outro e a si mesmo com o propósito de constituir um caminho de aprendizagem pautada em reflexões e trocas de experiências.

Acresce que a inserção do livro no cotidiano das pessoas é uma forma inteligente de aprender novas palavras para ressignificar a vida. A poesia, por exemplo, intrinsecamente reveladora, proporciona ao leitor um reencontro com a música dos sentidos, colocando-o frente a frente com o mundo. Nessa esteira, a palavra poética forja o ser e o coloca dentro da engrenagem das sensações e dos pensamentos em um permanente diálogo entre o real e a ficção. Assim, a poesia, como nos ensina Octavio Paz (1986),

é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de liberação interior. A poesia revela este mundo; cria outro (PAZ, 1986, p. 07).

Nesse propósito, a literatura é (des)construção de verdades; força verbal capaz de desestabilizar o humano, colocando-o diante das suas incertezas e dos seus medos. Sem incorrer em erros, sublinhamos a ideia de que o texto literário fala da história da humanidade e da sua complexidade existencial. Dessa maneira, a escrita literária põe em questão o humano e nos mostra que ele é uma criação da linguagem. Portanto, é na relação leitor/texto que se estabelece, marcadamente, a busca pelos saberes e sabores da vida.

Na complexa relação leitor/texto, não podemos negligenciar o baixo índice de leitura dos brasileiros. Assim, notamos, no dia a dia, uma verdadeira indisposição e resistência dos alunos à leitura. Nesse horizonte, enraízam-se no mundo contemporâneo, de forma preocupante, a banalização do conhecimento e a mecanização da vida. Definitivamente, não se prioriza mais o ócio necessário para se emaranhar nas teias verbais de uma obra literária. Por certo, o leitor do século XXI, em geral, desencantou-se pela palavra e se lançou à apatia do consumo e da busca

desenfreada pelas coisas descartáveis. Daí, propaga-se nos lares, nas escolas e nas universidades um mal-estar social oriundo do esvaziamento e da idiotização do humano condicionado à barbárie de toda ordem.

No entanto, é primordial acreditarmos que o fomento à leitura, essencialmente durante a infância e a adolescência, é fator indispensável para a formação humana. Eis uma tarefa árdua, porém capaz de significar o ser-no-mundo rumo a uma vida criativa. Com efeito, precisamos de ações governamentais eficazes visando transformar os rumos da educação na qual as políticas do livro e da leitura sejam prioridades; forjando, dessa forma, caminhos de luz trilhados por crianças, jovens e adultos. Muito provavelmente, passaremos, em definitivo, da condição de alfabetizados para a de seres pensantes e aptos a ler o mundo. Nesse contexto, Tzvetan Todorov (2009) pontua que

a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (TODOROV, 2009, P. 23-24).

Entremos definitivamente para o mundo conduzidos pelas palavras encantadas, formando leitores providos de sensibilidade e atentos ao espetáculo de tudo. Reergamos bibliotecas públicas de qualidade; fomentemos a criação de pontos de leitura nas periferias e zonas rurais; revitalizemos os centros culturais e editemos livros para a comunidade, como se dá em Bogotá<sup>2</sup>, capital da Colômbia. Como pensar em uma população de leitores se não houver obras ao alcance de todos? Cumpre lembrar que em Bogotá os livros são “semeados à mão cheia”. Eis aqui um momento

---

<sup>2</sup> Bogotá, conhecida pelos meios de comunicação como território do narcotráfico, recebeu da UNESCO em 2006 o título de “Capital Mundial do Livro”. Lá existe um grande investimento em bibliotecas públicas, com acervos invejáveis, a exemplo da Biblioteca Luis Angel Arango (BLAA) que tem 2 milhões de livros, capacidade de abrigar 2 mil leitores sentados e pela qual transitam em torno de 2 milhões e 700 mil visitantes todos os anos, com uma média de 9 mil pessoas diárias.

oportuno para evocarmos estes versos de “O Livro e a América”, de Castro Alves (1997):

Por isso na impaciência  
Desta sede de saber,  
Como as aves do deserto  
As almas buscam beber...  
Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe – que faz a palma,  
É chuva – que faz o mar  
[...]

(ALVES, 1997, p. 78)

Não podemos perder de vista que as bibliotecas são espaços dos rumores das palavras e dos pensamentos. Geralmente, é no seu interior que os livros nos convidam para leituras que se perpetuam. O primeiro, páginas a serem navegadas, quase sempre em solidão; e o segundo, habitat do silêncio, de atividades educativas e da busca continuada pelo saber. Desse modo, colocar os livros ao alcance da população, operando no seu imaginário, é oportunizar ao ser humano inserir-se no mundo como sujeito pensante e criativo. Nesse contexto, ler ficção, conforme sublinha Umberto Eco (1994) “significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real” (ECO, 1994, p. 93).

A palavra escrita liberta, provoca sensações, desestabiliza o corpo e o espírito ofertando ao homem um novo ritmo. Nessa acepção, a poesia e a prosa, detendo seus próprios códigos linguísticos, revelam um mundo para além do real. Ambas são capazes de traçar caminhos que levam o leitor para um lugar fora do aqui/agora. Na sua essência, a literatura funde pensamentos e emoções arrastando o ser para dentro de si mesmo. É certo que o texto literário, como linguagem de alta tensão verbal, apropria-se da realidade para dizer que ela não basta. Por conseguinte, a sua atuação é dentro do ser, pois a leitura, conforme sublinha T. S. Eliot, é em si uma experiência de vida e somos feitos tanto daquilo que vivemos como daquilo que lemos.

Nessa perspectiva, o leitor, sujeito da recepção, coparticipa da elaboração da natureza do texto. Daí, passiva e ativamente, ele, assim como o escritor, luta com as palavras, atritando-se com o corpo verbal e rítmico da linguagem. Nesse instante, o

mundo mais uma vez se abre para que o leitor rememore o vivido e experimente o desconhecido.

Dentro desse complexo cenário, importa frisar que o educador cumpre seu papel: semear livros, compartilhar leituras e saberes reinventados nas malhas das palavras contidas em uma literatura capaz de atuar na dimensão do *pathos* e do *logos*. Eis aqui uma dinâmica na qual percepção e razão principiam uma alquimia no leitor, pois, conforme nos ensina Eliana Yunes (2002),

o movimento que a literatura desencadeia, de natureza catártica, mobiliza os afetos, a percepção e a razão convocados a responder às “impressões” deixadas pelo discurso, cujo único compromisso é o de co-mover o leitor, de tirá-lo do seu lugar habitual de ver as coisas, de fazê-lo dobrar-se sobre si mesmo e descobrir-se um sujeito particular (YUNES, 2002, p. 27).

Especialmente, a literatura não está alheia ao real, visto que ela convoca os pensamentos, as sensibilidades, os saberes e os sabores que integram a vida humana. Em verdade, o texto literário não reduz o leitor ao *status* de mero receptor de informações. No fundo, ele o desafia para além da razão, mobilizando corpo e alma em experiências pelas quais é possível formar sujeitos capazes de ler e de dar sentido ao mundo.

De natureza sagrada, a literatura é, como nos revela Ezra Pound, “linguagem carregada ao grau máximo de sentido” (POUND, 2006, p. 28). Por certo, ela se origina da complexidade da vida e da relação estabelecida entre autor e mundo. Nesses termos, a poesia, por exemplo, está logo adiante, sempre à espreita, e quando menos se espera ela salta, como registrou Jorge Luis Borges, “sobre nós a qualquer instante” (BORGES, 2000, p. 11). Ela não é nada mais do que a própria vida com seus acontecimentos medíocres e sublimes. Assim, movidos pelo fluxo das ideias borgianas, “passamos à poesia; passamos à vida. E a vida, tenho certeza, é feita de poesia” (BORGES, 2000, p. 11).

A literatura nasce no momento em que o homem se percebe no mundo e tenta reinventá-lo das mais variadas formas. Em um permanente trânsito, ela vem dos tumultos do ser, dos seus estados de inquietude, enfim, do estranhamento face à vida na qual paixão e intelecto operam como forças motrizes na constituição das obras literárias.



De forma diversa, a leitura funda identidades, colocando o ser frente a frente com o espetáculo da existência humana. Na sua ausência absoluta, a sociedade está fadada ao embrutecimento, à aridez de espírito, ao desencantamento pela arte de viver. Por sua vez, o leitor que se permite emaranhar entre os tênues fios do texto lança-se no jogo complexo das relações interpessoais para dela extrair a gênese da vida. Mais do que isso, ir ao encontro da palavra escrita é portar no interior da linguagem para significar o próprio ser.

Muito provavelmente, as experiências estéticas, desencadeadas pelo texto literário, põem o leitor diante da complexidade do homem e do mundo. Nesse contexto, a literatura não é portadora de uma função preestabelecida na sociedade, pois, em sua essência, ela burla a ordem e a moral. Por conseguinte, tornar-se um não leitor é uma forma de não subverter a linearidade da existência humana e de não se deslocar do lugar comum, uma vez que sentir e pensar é articular a linguagem para reinventar o ser. Então, por que tão poucos leitores de literatura? Por certo, há no ser humano uma predisposição à sobrevivência cotidiana, à prática de ações imediatas da vida banal e ao culto à superficialidade do pensar e do sentir.

Por hora, entregar-se ao ócio criativo e ao universo ruidoso da leitura é estimular as perturbações interiores, explorando arqueologicamente o corpo e o espírito. Assim, a imersão na escritura ficcional não salva ninguém da dor, da perda, da falta, dos conflitos passionais, da solidão e do mal-estar da civilização. Eis aqui, talvez, um dos principais motivos de resistência à leitura, pois ela não nos leva facilmente ao paraíso perdido tão desejado. Na verdade, ler é exigir de si mesmo um retorno à linguagem em um trânsito permanente entre razão e emoção. Dessa maneira, o contato com o livro impulsiona o ser humano a caminhar em direção à sua própria complexidade.

Em muitos casos, a leitura não desencadeia prazer, mas esforço, exercício cerebral e compromissos diários de investigação, numa entrega que exige energia e disciplina. Decerto, a leitura não deve tão somente estar associada ao deleite frente ao texto, à gastronomia bem sucedida das palavras que se entrelaçam semântica e sintaticamente nas páginas dos livros. Definitivamente, precisamos compreender a necessidade da leitura para além do lúdico, porque muitas vezes o texto literário mexe a fundo com o psiquismo do leitor, desestrutura o seu bem-estar, movimentando os recônditos do ser.

Nessa acepção, nem sempre saber/sabor estão amalgamados para melhor condicionar a formação humana. No fundo, temos que ser educados a frequentar bibliotecas, a dedicar uma parte do nosso tempo aos livros e a saber da importância da leitura para um bom desenvolvimento intelectual. Assim sendo, nessa dinâmica, a sensação de prazer pode se revelar no interior do indivíduo consciente de que ler é, também, abdicar temporariamente do lazer, das rodas de amigos, das redes sociais e da televisão. Portanto, a leitura é uma forma de estar consigo mesmo para depois compartilhar com o outro as silenciosas experiências sinestésicas e intelectivas.

Em especial, vale ressaltar que as habilidades de leitura e de comunicação são condições essenciais para habitar o mundo. Nesse aspecto, como pensar na evolução civilizacional sem a escrita e a fala? Dessa maneira, em uma permanente explosão de significantes e significados a linguagem possibilita ao ser humano nomear as coisas e lhes atribuir sentidos. Eis que é por meio dela que nos colocamos no mundo para as mais diversas relações planetárias. Portanto, a leitura e a literatura revelam caminhos de acesso para uma educação humanizadora capaz de bordar a vida para além da barbárie social que peja a ampla atmosfera do século XXI.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Castro. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997.
- ALVES, Rubens. **Entre a Ciência e a Sapiência**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BETTY, Milan. **A força da palavra: entrevistas**. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- BORGES, Jorge Luis. **Esse ofício do verso**. Organização: Calin Andrei Mihailescu; Tradução de: José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BYINGTON, Amadeu Botelho. **Pedagogia Simbólica: a construção amorosa do conhecimento de ser**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1996.
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. Tradução de: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail 8. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1999 b.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRIEDRICH, Schiller. **Cartas sobre a educação estética da humanidade**. Introdução e notas de Anatol Rosenfeld. São Paulo: EPU, 1991.
- GUIMARÃES, César; SOUZA, Bruno Leal; MENDONÇA, Carlos Camargos (Org.). **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- ÍTALO, Moriconi. **Como e por que ler a poesia do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de: Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.
- PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. Tradução de: Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Ler o mundo**. São Paulo: Global, 2011.
- SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- TODOROV. Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- VILLOLDO, María Azucena. **El fomento del libro y la lectura**. Chaco: Fundación Mempo Giardinelli, 2002.
- YUNES, Eliana (Org.). **Pensar a leitura**: complexidade. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.